

## **“EU QUASE NADA NÃO SEI”! MAS TENHO CERTEZA DO “MEU INACABAMENTO”: REFLETINDO SOBRE A MINHA CONSTITUIÇÃO DOCENTE**

Maria Claudino da Silva<sup>1</sup>

A todas as Pessoas que contribuíram para a minha constituição docente!

Falar sobre a minha profissão de Professora é, necessariamente, pensar em inúmeras pessoas que contribuíram e contribuem para a minha constituição docente.

Assim, esta minha Carta Pedagógica é um agradecimento, endereçado a todas essas pessoas tão importantes para mim.

Com o tempo, entendi que a minha primeira Professora foi a Dona Maria Medeiros, minha Mãe. Ela teve pouca Educação formal, sistematizada. Mas foi abastada dessa “educação” que a vida dá, que nos abarca, mesmo sem percebermos, como afirma Brandão:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços de vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 1985, p.07).

Minha Mãe tinha um enorme zelo com as minhas aulas, que nunca me deixava faltar, a não ser por algo muito sério, e com as minhas tarefas escolares diárias. Muitas vezes, fiquei horas a fio, sentada em um banquinho, perto de uma velha mesa de madeira, ela, catando feijão e eu lhe “dizendo a tabuada”! E ela sabia de cor e salteado. Nos últimos dias de sua vida, muitas vezes, eu me sentava ao lado dela, em sua cama e lhe “tomava a tabuada”, testando a sua memória, e ela ainda sabia tudo, de cor e salteado.

Foi a Minha Mãe, Dona Maria, que, logo bem cedo, me proporcionou uma importante atividade de leitura: alguns dias da semana, ela me mandava ir até um açougue, na mesma rua de casa. O açougueiro embrulhava a carne em pedaços de jornal e, quando eu chegava em casa, desamassava aqueles jornais e, às vezes, até passava um ferro a brasa neles, para ficarem bem lisinhos. Sentava-me no mesmo “banquinho da tabuada” e ia ler as notícias. Às vezes, o jornal se rasgava bem no final de uma notícia e eu ficava imaginando qual seria o final daquele assunto.

Outra coisa que a Minha Mãe, Dona Maria, fazia, era comprar livros, mesmo a despeito de nossa “pobreza financeira”. Quando os vendedores ambulantes, os “mascates”, como ela os chamava, passavam em nossa casa, ela comprava aquelas “coleções de livros”,

---

<sup>1</sup> Professora Adjunto IV – Curso de Letras/CUA/UFMT. E-mail: [claudinodasilva22@gmail.com](mailto:claudinodasilva22@gmail.com)

lindas. Colocava em nossa estante de madeira, fechada com uma porta de vidro, e eu ficava deslumbrada com os livros. Uma das coleções que ela comprou foi do escritor José Mauro de Vasconcelos, autor de “Meu Pé de Laranja Lima” e tantos outros livros maravilhosos. Li todos da coleção. Alguns, eu não entendia muito bem, mas só largava o livro, quando chegava ao fim.

Minha Mãe, a Dona Maria, contribuiu para a minha constituição de leitora e, por conseguinte, para a minha constituição docente.

Todos os meus Professores e todas as minhas Professoras ajudaram a me construir Professora. Todos e todas!!! Algumas Professoras, como as Irmãs Salesianas, Irmã Auxiliadora, Irmã Maria de Lima, Irmã Josefina, Irmã Neide e Irmã Amância foram grandes incentivadoras de minha constituição como leitora e como Professora. Irmã Neide me fez responsável por grupos de Teatro, que precisavam apresentar peças teatrais, mensalmente. Irmã Amância, me fez ler, praticamente, todos os Clássicos da Literatura Brasileira. Irmã Maria de Lima, me “deu o meu primeiro cargo de Professora”, para ministrar aulas em uma quarta-série, do antigo Primário.

O fato de cursar o Magistério em Nível de Ensino Médio, antigo Segundo Grau, me fez ir compreendendo a profissão docente, especialmente, quando cursei as disciplinas da parte pedagógica da matriz curricular: Didática, as Metodologias das várias áreas e o Estágio Supervisionado, que me colocou dentro de uma sala de aula real, com todas as suas nuances.

Antes, mesmo, de cursar uma graduação, iniciei a carreira docente, sendo constituída pelos meus alunos de uma quarta série, como já afirmei e, depois, já como Professora Efetiva do Estado de Mato Grosso, em uma Escola bem pequena, de um bairro de Barra do Garças-MT, a Escola Estadual Dom José Selva.

Posso afirmar, com muita certeza, que ali vivi alguns dos meus melhores dias de vida. Foram 07 (sete) anos de profunda constituição docente, numa construção diária de aprendizado, que me sustenta até hoje. Nessa escola, pude sedimentar o meu início da carreira docente, que foi se firmando, ainda mais, pelo fato de iniciar, também, a Graduação de Licenciatura em Letras, pelo antigo Instituto de Ciências e Letras do Médio Araguaia, hoje, Campus Universitário do Araguaia, da Universidade Federal de Mato Grosso.

Entremeando o início da carreira docente com o início de uma Licenciatura em Letras, entendi muitas questões da docência, de forma imediata e “na raça”, e muitas outras, a longo prazo. A curto prazo, entendi, por exemplo, que, para “ensinar”, eu precisaria, primeiro, “aprender”. E, para “aprender”, isso só aconteceria com muitos estudos diários, profundos,

persistentes, e muitas, mas muitas leituras, mesmo. Aprendi, também, que a sala de aula, como afirma Schön (2000), “é um terreno pantanoso”! Nunca se sabe onde se está pisando, por isso, o Professor deve sempre estar preparado para as mais diversas situações, no momento de sua aula.

Em um prazo mais longo, entendo ter sido “constituída” por todos os meus alunos daquela escola e, durante o tempo que ali passei, compreendi outras questões tão importantes para o início de uma carreira docente. Enumero algumas, nesta minha Carta de Agradecimento:

a) compreendi que “ser Professor”, exige alguns importantes saberes docentes, conforme afirma Vasconcelos (2000, p. 24-34), como os saberes da formação técnico-científica, os saberes da formação prática, os saberes da formação pedagógica e os saberes da formação política. Com o tempo que “vamos nos constituindo docentes”, a construção diária vai entrecruzando esses saberes, um fortalecendo o outro;

b) compreendi, também, que, conforme Guarnieri (2000, p. 05), “é no exercício da profissão que se consolida o processo de tornar-se professor, ou seja, o aprendizado da profissão a partir do seu exercício possibilita configurar como vai sendo constituído o processo de aprender a ensinar.”

Hoje, entendo como muita clareza, o grande aprendizado prático que a Escola Dom José Selva me proporcionou, em início de carreira docente.

Devo agradecer, também, o enorme aprendizado adquirido pelo Curso de Letras, que me proporcionou importantes compreensões. O fato de cursar a Licenciatura em Letras, mostrou-me caminhos interessantes a seguir e me proporcionou inúmeras reflexões sobre a Linguagem como base de essência humana e como forma de interação entre as pessoas.

Além disso, o Curso de Letras fortaleceu a minha constituição docente, porque pude aprofundar muitos saberes da docência, que se efetivaram em meu trabalho como Professora do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia, desde o ano de 1992. Como docente do Ensino Superior, pude entender, mais profundamente, a importância da leitura em nossas vidas. A partir das palavras de nosso grande Mestre, Paulo Freire, entendi que “a leitura da palavra precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1981, p.20). Assim, ao longo da vida, somos “fazedores” de leituras sensoriais, emocionais e racionais, conforme afirma Maria Helena Martins (1985).

Na docência universitária, muitos sujeitos têm contribuído para a minha constituição docente, para a minha formação contínua e permanente, e isso ocorre nas aulas da graduação e nos projetos de extensão com os quais trabalho. À medida que a minha ação de professora formadora acontece, quem caminha junto comigo nessa formação, também me forma, também me constitui, também colabora com a minha construção docente e pessoal.

Novamente, as palavras do grande Mestre, Paulo Freire têm guiado a minha vida de ser Professora. Cito um trecho de sua fala, que tenho como “lema”, como guia, como norte em meu trabalho docente:

Se na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito de “formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 199, p. 25). (grifo meu)

Com a clareza de minha incompletude como gente e como profissional, vou “me fiando” na certeza de que quem me constitui, me constrói, me leva adiante, um pouco em cada dia, é o sujeito-outro com o qual eu realizo a minha interação verbal. Porque a linguagem entremeia a nossa vida em tudo que ousamos fazer, ou antes, que ousamos pensar.

Ser Professora me deu sustento diário, não só em termos financeiros, mas em termos de “vida” como gente. A profissão docente me deu certezas e incertezas. Todas as duas me levaram adiante: as certezas me fizeram caminhar mais rápido um pouco; as incertezas, me fizeram caminhar mais devagar, retrocedendo, às vezes, para realizar um olhar mais interpretativo, analítico, para entender os “meus erros” e, a partir deles, traçar caminhos mais sedimentados.

Ser Professora me deu alegrias e tristezas. Todas as duas me levaram adiante: as alegrias me contagiaram e me fizeram contagiar, para encantar e estimular muitas pessoas; as tristezas me levaram a refletir, a pensar que tudo na vida não acontece com um conto de fadas. Isso não deixou desistir jamais dos meus Alunos!!!

Ser Professora me deu coragem e desilusão, às vezes! Muitas vezes, tive medo. Medo de não conseguir, de não saber transpor, didaticamente, determinados conteúdos, de não saber lidar com determinadas pessoas, calcadas na prepotência. Mas, à moda de Guimarães Rosa (1965), “o que a vida quer da gente é coragem!” E eu fui, muitas vezes, com medo mesmo. Mas, fui!!! Quanto à desilusão, ela, algumas vezes me ronda. Por situações e questões diversas: o descaso das autoridades com a profissão docente, ultimamente, os julgamentos de muitas pessoas sobre o trabalho dos Professores, as “falácias” de “que Professor não gosta de trabalhar”, de “que Professor não fez nada em tempos de Pandemia”. A desilusão ocorre muito, também, quando nos doamos profunda e literalmente para uma causa pedagógica e as pessoas, para as quais nós direcionamos a nossa ação didática, passam ao largo de todo trabalho, não se envolvem, preferem as vias menos “trabalhosas” e não entendem que o nosso tempo, a nossa ação pedagógica, o nosso fazer docente foi todo direcionado para que elas, também, sejam constituídas por uma docência séria, comprometida com a sua formação pessoal e profissional.

Mas, isso, também me é constitutivo!!! Porque, muitas vezes, quando me deparo com situações nem sempre tão positivas em minha docência, vou entendendo que isso também me constrói, me constitui e me ensina. Isso me faz refletir, afastar-me um pouco do meu fazer docente, para compreendê-lo melhor e saber o que se passa, para refazer o caminho e continuar seguindo.

Nesses momentos, as palavras, sempre certas, do Mestre Paulo Freire, me conduzem, novamente:

Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento. Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento (FREIRE, 1999, p.55).

Assim, continuo me constituindo por todos e todas com quem me relaciono, didaticamente, em meu diário fazer docente, porque, tendo a certeza do “meu inacabamento”, vou em busca de mais aprendizado, de vida, de sabedoria, enquanto há vida. Na voz de Guimarães Rosa (1965), entendo como ele: "Mire veja: o mais importante e bonito, do

mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou."

Pela consciência do meu inacabamento, mas, pela certeza de que sou constituída e construída por todas as pessoas do meu convívio didático, ainda com Guimarães Rosa (1965), eu me despeço e agradeço a essas pessoas a sua generosidade, mesmo que involuntária, em me auxiliar na lida de ser Professora: "Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!"

Com muita gratidão!

Maria Claudino da Silva

Barra do Garças-MT, 02 de agosto de 2021.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. Em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2006.

GUARNIERI, Maria Regina. (org.) **Aprendendo a Ensinar**. O caminho nada suave da docência. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.

GRANDE Sertão: Veredas. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra21084/grande-sertao-veredas>>. Acesso em: 01 de agosto de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SCHÖN, Donal A. **Educando o Profissional Reflexivo**. Um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VASCONCELOS, Maria Lúcia M. Carvalho. **A Formação do Professor do Ensino Superior**. São Paulo: Pioneira, 2000.